

O MUSEU DE LEMBRANÇAS, UMA HISTÓRIA DE MASSACRE E SUPERAÇÃO: RETALHOS QUE A EDUCAÇÃO CRÍTICA PODE (OU DEVE) COSTURAR

Renata Nascimento y Mansour¹
Maria Amélia Gomes de Sousa Reis²

“A ordem do profano tem de se orientar pela ideia da felicidade”³

RESUMO

Costurar os retalhos de uma tragédia em campo minado por lembranças que sustentam a dignidade de um povo em suas experiências históricas de luta pela sobrevivência é o suporte objetivo deste trabalho científico que alia Museologia, Patrimônio e Educação. Trata-se de trazer à tona metodologias capazes de construir consciências identitárias com base em processos educativos emancipatórios, tomando por base o patrimônio presente no “Museu das Lembranças” de Chatila, campo de refugiados palestinos (Líbano), após o massacre de Sabra e Chatila, em 1982. Empenhamo-nos em destacar aspectos relevantes observados nesse “museu” em construção: a tragédia palestina, o conjunto de sentimentos e emoções traduzidas em relação aos objetos de memória expostos pelos refugiados, os espaços diferenciados de lutas pela produção de saberes etnoculturais interdisciplinares que se articulam a conflitos políticos presentes em meio a um processo civilizatório comum em outras partes do mundo.

Palavras-chave: Museologia. Patrimônio Palestino. Museu das Lembranças. Educação. Sabra e Chatila.

SUMMARY

Sewing together the sections of a tragedy in a minefield through memories that sustain the dignity of a people in their historical experiences of struggle for survival is the objective of this scientific work that combines Museology, Heritage and Education. It is about bringing to light methodologies capable of building identity consciousness established on emancipatory educational processes, based on the heritage present in the “Museum of Memories” of Shatila, a Palestinian refugee camp (Lebanon), after the Sabra and Shatila massacre, in 1982. We strive to highlight relevant aspects in this “museum” under construction: the Palestinian tragedy, the set of feelings and emotions translated in relation to the memory objects exposed by refugees, the differentiated spaces of struggles for the production of interdisciplinary ethnocultural knowledge that is linked to political conflicts present in the midst of a civilizing process common in other parts of the world.

Keywords: Museology. Palestinian Heritage. Museum of Souvenirs. Education. Sabra and Shatila.

¹ Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio PPG-PMUS – UNIRIO / MAST

² Professora Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio PPG-PMUS – UNIRIO / MAST

³ (Walter Benjamin, *O Anjo da História*, vol. 4)

Introdução

Este trabalho apresenta, em caráter preliminar de pesquisa de doutorado, uma investigação sobre os processos de construção de identidades favorecidos pelas metodologias educativas utilizadas nos museus, espaços diferenciados de produção de saberes interdisciplinares, bem como seus conflitos com outros procedimentos análogos que se dão fora deles, como possibilidade de reavaliação crítica da instituição educativa “museu” e dos princípios e aspectos demandados nos discursos da Museologia.

O estudo inicia-se pela observação dos processos de construção de identidades passíveis de serem executados com base em metodologias educativas a serem utilizadas no Museu das Memórias, localizado no campo de refugiados palestinos de Chatila, na cidade de Beirute, no Líbano, compreendido como espaço diferenciado de produção de saberes interdisciplinares, que se aliam aos conflitos etno-políticos de um processo civilizatório comum em outras partes do mundo.

Empenhamo-nos em destacar aspectos relevantes observados no “museu” em construção da tragédia palestina, enfatizando o conjunto de sentimentos e emoções traduzidas em relação aos objetos de memória expostos pelos refugiados neste campo.

Os questionamentos aqui apresentados resultam de reflexões sobre processos e práticas educativas que tivemos a oportunidade de desenvolver ao longo de mais de duas décadas como artista, professora de artes, agente cultural e pesquisadora, tanto no Brasil, quanto no exterior.

Nossos estudos acadêmicos advêm das investigações realizadas no Curso de Acessibilidade Cultural – Faculdade de Medicina / UFRJ (2018-2019) e no Mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade – PPGPACS / UFRRJ (2020-2022). Ambos os trabalhos, “Reflexões sobre arte-educação para uma escola acessível” (2019) e “Educação Patrimonial como ação política e prática pedagógica inclusiva” (2022) dedicaram-se a analisar conceitos e técnicas de ensino-aprendizagem oriundas do ambiente museológico⁴ e escolar, buscando ressignificar esses ambientes pela expressividade artística em processos comunicacionais mais interativos e dialógicos, para além da transmissão de mensagens predeterminadas.

Com este intuito, foram realizadas pesquisas sobre ferramentas e procedimentos da Arte-Educação, Política Cultural, Acessibilidade, Patrimônio, Educação, Semiótica

⁴ A terceira turma do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural trabalhou na criação de estratégias de acessibilidade para o Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.

Discursiva, Semiótica Visual e Análise Tecnodiscursiva, articulados pelos conceitos de Recontextualização e Transposição Didática, entre outras áreas do conhecimento.

O diálogo entre os conceitos ocorreu no sentido de contribuir para a institucionalização de políticas públicas de patrimonialização participativas e inclusivas, oriundas de ambientes formais e não-formais de educação e fundamentadas nos conceitos de cidadania cultural, ou seja, na integração de todas as pessoas nos processos de desenvolvimento do País com autonomia e protagonismo.

Os momentos dedicados a observação e análise de processos e práticas educativas juntam-se, neste trabalho, às experiências provenientes da convivência familiar: a ancestral, de origem árabe libanesa e, também, a decorrente do meu casamento com o escritor, pesquisador e Professor Titular do Setor de Estudos Árabes da Faculdade de Letras da UFRJ.

Meus avós paternos chegaram ao Brasil, vindos de Qartaba, uma aldeia montanhosa localizada a cerca de 60 km de Beirute, capital do Líbano, nos anos 40 do século passado. Na verdade, a imigração árabe no Brasil inicia-se após as visitas do Imperador D. Pedro II ao Crescente Árabe no século XIX (VARGENS, 2007), e se prolonga por toda a primeira metade do século XX. Podemos afirmar que D. Pedro II abriu as portas do País para os sírios e libaneses, oriundos da província otomana da “Grande Síria”, atualmente Síria, Líbano, Palestina, Israel e Jordânia (WAÏL S. HASSAM, 2019), apontando-lhes oportunidades de trabalho.

Meu nascimento, em 1970, coincide com a década em que se inicia a guerra civil libanesa, que dura de 1975 até 1990 e a invasão do Líbano por Israel (1978). Mesmo sem compreender completamente aquele idioma diferente, secreto e, muito menos, a questão política em si, eu acompanhava com curiosidade a atmosfera tensa das conversas sobre a guerra e as preocupações com a segurança e a vida dos parentes na distante terra natal.

Os telefonemas eram cada vez mais raros e difíceis para aquela região. E em meio a esse turbilhão de emoções desalinhas pela guerra, eu ouvia sobre o “problema” palestino, o drama do povo expulso de sua terra original para ocupação de grupos judeus oriundos de vários países, a maioria da Europa, a partir de um movimento político sionista, originado no nacionalismo judeu⁵.

Após a Segunda Guerra Mundial, sob o trauma dos judeus assassinados em massa e perseguidos pelos nazistas, a recém-criada ONU ordena a partilha do território palestino, sob o controle do protetorado inglês. Em 1948 é, então, criado o Estado de

⁵ Ver DERRIENNIC, Jean Pierre. *Le Moyen-Orient au XX siècle*. Librairie A. Collin, Paris, 1980.

Israel com o deslocamento dos árabes palestinos de seus territórios. Segundo o jornalista Amnom Kapeliouk (1983) e o professor Illan Pappé (2006), o deslocamento forçado ocorreu de forma violenta e acoplada ao início do projeto de apagamento da memória coletiva palestina, que começa a ocorrer antes mesmo de sancionada a resolução 181 da ONU, em 1948.

A violência das ações para a expulsão dos palestinos mediante a anulação formal das fronteiras anteriormente demarcadas para ocupação de judeus europeus e, também, como resposta à resistência, característica que constitui um importante traço da identidade palestina (SAID, 1978), era justificada pela superficialidade do discurso: “a culpa era dos palestinos”.

Cerca de 800 mil árabes palestinos são deslocados de suas terras entre 1947 e 1948, outros milhares são presos ou mortos, episódio que imediatamente impacta a região. Por esse motivo muitos palestinos encontram-se refugiados no Líbano e em países vizinhos, distribuídos em diversos acampamentos, dentre eles os de Sabra e Chatila, criados em 1949, e localizados, lado a lado, na parte oriental de Beirute.

Em 18 de setembro de 1982, o mundo recebe estupefato a notícia de que um massacre havia sido cometido nos campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila. A violência e as imagens do morticínio, reveladas pela intensa cobertura jornalística internacional e a ampla divulgação de imagens e depoimentos, chocaram o planeta.

A parte ocidental da cidade de Beirute estava totalmente sob o controle do exército israelense, que pela primeira vez em sua história havia conquistado uma capital árabe. Os pontos estratégicos sob controle incluíam os acampamentos de refugiados de Sabra e Chatila, que ficaram cercados e bloqueados para facilitar a “limpeza” de supostos “terroristas”. (KAPELIUK, 1983)

Segundo Kapeliouk (1983), tropas do partido falangista cristão libanês, cerca de 1.500 homens apoiados e observados estrategicamente pelo Alto Comando do exército israelense, participaram da matança. Entre 3.000 e 3.500 homens, mulheres e crianças de um total de aproximadamente 20.000 residentes nos campos, foram assassinados durante cerca de quarenta horas ininterruptas de horror. Um quarto desta população era de libaneses (KAPELIUK, 1983).

De imediato, a repulsa àquele episódio, misturada a uma solidariedade imensa e incontrolável, aumentaram a minha curiosidade adolescente sobre a história dos palestinos. Esse interesse que me acompanha desde então, me trouxe, ainda, a busca pela compreensão sobre os processos educativos que formaram a minha própria identidade.

Que mistério que nos move para a reunião de um conjunto de qualidades que faz com que nos identifiquemos e possamos nos distinguir (BRAH, 2006)? Como se dá o processo de conscientização de uma identidade particular ligada a uma identidade coletiva?

Os questionamentos e reflexões surgidos a partir daquele episódio ganharam, ao longo do tempo, um caráter científico. Em 2016, tive a oportunidade de ir ao Líbano para participar como ouvinte de um Congresso sobre a influência da cultura árabe na América Latina, na Universidade USEK, em Kaslik, cidade localizada a cerca de 20 km de Beirute.

Durante o encontro os participantes foram convidados para visita de estudo aos acampamentos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila, guiados por um professor palestino Mahmoud El Ali, da Universidade do Líbano, e acompanhados por pesquisadores de outras nacionalidades.



Chatila, 2023. Foto Renata Mansour.



Chatila, 2016. Foto Renata Mansour.



Chatila, 2016. Foto Renata Mansour.

Pudemos, então, conhecer brevemente iniciativas de educação realizadas no Museu das Lembranças, no campo de Chatila, idealizado pelo Dr. Mohamad Khatib, desde 2004, e organizadas por ele e outros sobreviventes do massacre, como ato político de resistência, preservação, organização e divulgação da memória palestina.

Essa oportunidade foi responsável pelo deslocamento de uma série de memórias e sensações de forma tão impactante que me trouxeram de volta em 2023, agora como doutoranda em Museologia e Patrimônio para uma investigação mais apurada sobre o Museu, seu patrimônio, suas formas de intervenção para a transformação social e apontamentos para outras situações societárias, culturais e políticas que afetam os modos de ser e de viver no mundo. Aqui, portanto, ficam nas brechas dessa temática projetos civilizatórios que retiram dos homens sua humanidade.

PARA QUE SERVE UM PATRIMÔNIO NA ESTANTE?



Chatila, 2023. Foto Renata Mansour. Placa do Museu da Lembrança.

Nossa investigação é motivada pelos seguintes questionamentos: de que forma o conhecimento produzido pelos Museus, numa perspectiva global, vem sendo apresentado ao público e que impacto causa na sociedade? Será que a Educação Museal tem conseguido alcançar os objetivos traçados no que diz respeito à diversidade cultural ou perpetuam a noção de unidade? Que procedimentos e estratégias de organização pedagógica do Museu das Lembranças podem contribuir para as mudanças sociais desejadas no campo da Museologia e do Patrimônio? Como se define a memória que será preservada ou esquecida? De que forma essa história pode contribuir para a nossa história?

Desse modo, nosso objetivo é analisar as ações educativas ocorridas nos processos

de patrimonialização do Museu das Lembranças de Chatila, voltadas para a identificação da história de afirmação e resistência do povo palestino e para a recuperação de suas memórias soterradas e desprezadas pelos processos museológicos oficiais globais, e sua relação com “museologias” comprometidos eticamente com a transformação social, que se ancoram na ideia de fundo de um determinado civilizatório excludente.



Chatila, 2023. Foto acervo particular. Sentados: Professora Dr. Maria Amélia Reis, Dr. Mohamad Khatib e Professor Dr. Mahmud El Ali. Em pé: Professora Geni Harb e Professora Ms. Renata Mansour

Em atenção a isso e assumindo o compromisso dos Museus com a implementação de práticas pedagógicas transformadoras, estruturantes e descoloniais, que ganham força na década de 1970, com as proposições da Museologia Social (ICOM, 1972) e em consonância com os preceitos inscritos no Código de Ética para Museus (ICOM, 2006), nossa pesquisa pretende ampliar as referências metodológicas de práticas educativas que envolvam discussões sobre ética em museus num ponto de vista universal.

Desse modo, nosso estudo se dirige para a análise dos mecanismos museológicos utilizados no Museu das Memórias de Chatila, suas ações educativas, entendidas aqui como práticas sociais de conotação política, sob a perspectiva de um processo educativo fundado na metodologia da práxis (REIS, 2009) e, por isso, pactuado com o diálogo participativo para a constituição de um *ethos* pluralista.

Nossa investigação está amparada na ressemantização do conceito de patrimônio,

que passa a apontar para o chamado patrimônio cultural em sua versão atual, como resultado da memória das sociedades, em que os grupos sociais se tornam sujeitos dos processos de patrimonialização (GONÇALVES, 2007).



Chatila, 2016. Foto Renata Mansour. Vitrine de exposição do acervo do Museu da Lembranças.

Vamos focalizar neste estudo, em caráter provisório, o modo pelo qual o fenômeno “museu” (SCHEINER, 2008), no caso o Museu da Memórias de Chatila, entendido como “espaço intelectual de manifestação de memória” (SCHEINER, 2008) e, também, como espaço diferenciado de produção de saberes interdisciplinares, realiza seus processos educativos de dinamização e agenciamento e torna os objetos recolhidos e expostos, patrimônios capazes de assegurar a permanência no tempo de referências de memória do povo palestino.

A noção semântica que vamos adotar para a palavra educação aproxima-se de sua origem etimológica latina, cuja forma “e-duco” nos leva ao significado literal “conduzir para fora”, “ação de fazer sair”, ou seja, conduzir uma pessoa a desvelar o que nela pré-existe.



Chatila, 2016. Foto Renata Mansour. Objetos do acervo expostos no Museu da Lembranças.

Nossa ênfase recai, desse modo, sobre o conjunto de sentimentos e emoções expressos na relação entre sujeito e objeto/patrimônio para a formação do “eu” conhecedor, aquele que incorpora dimensões sociais e espirituais (DAMÁSIO, 2010) e é capaz de interpretar e de constituir a sua identidade com base em relações comunicativas.

Em seus estudos sobre indivíduos que tiveram parte do cérebro abalado por alguma lesão neurológica que corrompeu determinada classe de emoções e que perderam, também, a capacidade de tomar decisões racionais, Damásio observa que, embora a capacidade de lidar com a lógica de um problema mantenha-se intacta “ainda assim, muitas de suas decisões pessoais e sociais são irracionais, o mais das vezes desvantajosos para eles próprios e para outras pessoas.” (DAMÁSIO, 2010, p. 62).

O neurocientista prossegue afirmando que

não é verdade que a razão opere vantajosamente sem a influência da emoção. Pelo contrário, é provável que a emoção auxilie o raciocínio, em especial quando se trata de questões pessoais e

sociais que desenvolvem risco e conflito. [...] As lesões neurológicas sugerem simplesmente que a ausência seletiva de emoção é um problema [...] (p. 63) Emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode operar a contento”. (Damásio, 2010, p. 63)

Este entendimento associa-se à perspectiva de educação para a transformação social, compreendida como o projeto humanista de Paulo Freire (FREIRE, 1970) que dá relevância ao papel da conscientização crítica (FREIRE, 1970) para a tomada de consciência.

Nesse sentido, nosso estudo se dirige para a análise dos mecanismos museológicos utilizados no Museu das Memórias de Chatila, suas ações educativas, entendidas aqui como práticas sociais de conotação política, sob a perspectiva de um processo educativo ancorado na metodologia da práxis (REIS, 2009) e, por isso, pactuado com o diálogo participativo para a constituição de um *ethos* pluralista.

A investigação proposta vem analisando a elaboração do discurso pedagógico da Museologia, como ciência, para identificar como se dá o processo de construção de identidades favorecido pelos processos educativos no Museu das Memórias de Chatila, bem como seus conflitos com outros procedimentos análogos que se dão fora dele.

Enfatizamos, assim, a necessidade de se criarem técnicas e condições “para a aceitação social das diferenças” que destaquem o papel desse museu na construção e reorganização de novas composições sociais.

A observação das intervenções e formas pelas quais o museu atua na reconstrução da memória dos modos de vida individuais e coletivos do povo palestino vem ocorrendo por meio de pesquisa exploratória qualitativa com revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas, a partir da análise crítica do discurso em Fairclough (2019).

O linguista afirma que os discursos “não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as “constituem” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 22). Em sua análise sobre a dimensão da prática discursiva, o autor se concentra nos “conceitos de ideologia e, essencialmente, de hegemonia, no sentido de um modo de dominação que se baseia em alianças, na incorporação dos grupos subordinados e na geração do consentimento”, que nos níveis das organização, das instituições e no nível societário “são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas em discurso” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 29).

Essa perspectiva associa-se, também, aos estudos sobre a “potência

política/pedagógica/estética/poética” (BARBOSA; FONSECA, 2020, p. 229) da Arte e de pesquisas sobre a criatividade e o desenvolvimento da Arte-Educação a partir dos museus, de modo a oferecer subsídios para a constituição de ambientes de produção e circulação da diversidade de conhecimentos e das heranças culturais de todos os povos.

Considerações Finais

Pelo exposto, podemos perceber, de modo preliminar, que as noções de Museologia e de Patrimônio não são desprezadas de interesses diversos e que, por esse motivo, não se trata de revelar verdades incontestáveis ou únicas. Trata-se de evidenciar conhecimentos ressignificados em consensos e desacordos, de considerar questões sobre direitos diferenciados e políticas de reconhecimento, memória e esquecimento, de produzir novas sensibilidades e de rever antigas formas de exclusão.

Acreditamos, com isso, que este estudo pode colaborar para criação de ações educativas fundamentadas em conhecimentos, discursos e comportamentos, capazes de transgredir as imposições colonizadoras universais a partir dos museus e seus patrimônios e de sua relação com uma história de exclusão social colonialista das mais terríveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2ª ed. Lamparina: Rio de Janeiro, RJ, 2003.

BARBOSA, Ana Mae Tavares; FONSECA, Annelise Nani da **Movimentos dispersivos da criatividade: da novidade ao engajamento**. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2020, ECA. P. 220-232. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003016083> . Acesso em: 21 set. 2023.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**. Atual Editora Ltda, 1988.

CHAGAS, Mario, RODRIGUES, Marcus Vinícius Macri (org.). **A função educacional dos museus: 60 anos do seminário Regional da UNESCO**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2019.

CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. **Dossiê Educação Patrimonial**, n. 3, Iphan, jan.-fev. 2006.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu**. Universitária Argos, São Paulo: 2006.

DAMÁSIO, Antônio. **O livro da consciência: a construção do cérebro consciente**. Santos LO, tradutor. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2010.

Declaração de Santiago do Chile - Mesa-Redonda de Santiago do Chile - ICOM, 1972.

DORMAELS, Mathieu. Patrimônio, patrimonialización y identidade: hacia una hermenéutica del patrimônio. **Revista Herencia**, vol. 24 (1 y 2), 2011. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/herencia/article/view/1432/1450> . Acesso em: 9 nov. 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. 2ª ed. Brasília-DF, UnB, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14ª ed. São Paulo, Contexto, 2008.

FONSECA, Annelise Nani da; BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Movimentos dispersivos da criatividade: da novidade ao engajamento. **Anais 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – DISPERSÕES 2020**. Goiânia: [s.n.], 2020. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producaoacademica/003016083.pdf> . Acesso em: 6 mai. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 42ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1970. 17ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: GONÇALVES, J. (Org.). **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ICOM, Código de Ética para Museus (ICOM, 2006). Disponível em: http://www.icom.org.br/?page_id=30 . Acesso em: 21 set. 2023.

KAPELIOUK, Amnon. **O massacre de Sabra e Chatila**. Belo Horizonte: Vega, 1983.

PAPPÉ, Ilan. **A limpeza étnica da Palestina**. São Paulo: Sundermann, 2006.

REIS, Maria Amelia de Souza, PINHEIRO, Maria do Rosário. “Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões” **MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO** - vol.II no 1 - jan/jun de 2009, p. 36-46. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acesso em: 6 mai. 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAID, Edward. **A Questão Palestina**. São Paulo: UNESP, 2011.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

SCHEINER, Tereza Cristina. O museu como processo. **Cadernos de diretrizes Museológicas 2: mediação em museu: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

TEIXEIRA, Lucia. Leitura de textos visuais: princípios metodológicos. *In*: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 299-306. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/2008-teixeira-leituradetextosvisuais-pdf-free.html> Acesso em: 6 mai. 2022.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português**. Porto: Maranus, 1945.

VARGENS, João Baptista M. **Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia**. Almádena: Rio Bonito, 2007.